



## **I Seminário de Ensino de Desenho Industrial de 1964/1965: o primeiro debate entre instituições**

### ***1st Industrial Design Education Seminar from 1964/1965: the first debates between educational institutions***

**Eduardo Camillo K. Ferreira, FAU USP**

eduardo.camillo.ferreira@usp.br

**Marcos da Costa Braga, FAU USP**

bragamcb@usp.br

#### **Resumo**

O texto aborda a realização e as ideias do I Seminário de Ensino de Desenho Industrial, organizado pela ABDI, que ocorreu em duas etapas entre 1964 e 1965. Trata-se do primeiro evento da categoria com o objetivo de discutir o nascente ensino superior de design que contou com a participação de docentes pioneiros. Privilegiando as fontes primárias, o trabalho pretende resgatar o evento, preenchendo uma lacuna na historiografia sobre o ensino do design no Brasil, além de expor e refletir sobre algumas das principais ideias que permeavam o campo acadêmico da época, antes da implementação do primeiro currículo mínimo de desenho industrial de 1969.

**Palavras-chave:** Seminário de ensino de desenho industrial, História do ensino de design, História social do design

#### **Abstract**

*The text addresses the realization and the ideas of the 1st Industrial Design Education Seminar organized by ABDI, which took place in two stages between 1964 and 1965. This is the first event of the category in order to discuss the rising design of higher education which included the participation of pioneering teachers. Privileging the primary sources, the work aims to rescue the event, filling a gap in the historiography on the design education in Brazil, and to expose and reflect on some of the main ideas that permeated the academic field of the time, before the implementation of the first minimum curriculum of industrial design courses in 1969.*

**Keywords:** *Industrial design education seminar, Industrial design, Design education history, Design social history*

## 1. Introdução

Nos anos 1960 se inicia a institucionalização do campo profissional do desenhista industrial, com a fundação da Associação Brasileira de Desenho Industrial, ABDI, em 1963, e a abertura das primeiras escolas superiores de desenho industrial. A primeira pretendia reunir e representar a categoria profissional, enquanto as de ensino pretendiam formar quadros de profissionais para o processo de industrialização da época.

Nosso trabalho busca preencher uma lacuna na historiografia sobre o ensino do design no Brasil desse período que tem se debruçado sobre o cenário interno das escolas pioneiras. Para isso, pesquisamos um evento ocorrido em 1964 e 1965, organizado pela ABDI, denominado I Seminário de Ensino de Desenho Industrial, que reuniu expoentes do campo profissional do design e promoveu o debate entre instituições de design constituindo-se assim no primeiro evento desse gênero no Brasil. Na época haviam três escolas com ensino superior de desenho industrial.

A Escola Superior de Desenho Industrial — ESDI, foi fundada em 25 de dezembro de 1962, com início das aulas em 1963. Primeira escola de nível superior totalmente dedicada ao Desenho Industrial, foi baseada em um currículo que seguiu uma linha racionalista e cientificista da *Hochschule für Gestaltung*, de Ulm, na Alemanha. Participaram das discussões para criação da escola: Aloísio Magalhães, Alexandre Wollner e Karl Hans Bergmiller, os dois últimos cursaram a escola alemã.

Já a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAU USP, escola de arquitetura derivada da Escola Politécnica da USP, iniciou as discussões sobre renovação do currículo em 1957. Até então, o currículo era o mesmo desde 1948, quando sob a direção de Anhaia Melo separou-se da Escola Politécnica. Segundo Coelho (2015:64) o currículo era “[d]a matriz da Belas Artes e da Politécnica”. A reforma curricular de 1962 incluiu o Desenho Industrial e a Comunicação Visual como importantes componentes da formação do arquiteto. Segundo Siqueira e Braga (2009), atribui-se tal inserção a dois principais fatores: 1. a então recente consolidação da indústria nacional com os planos e incentivos federais; 2. a possibilidade de exercitar a arquitetura moderna em sua plenitude, viabilizando, assim, a máxima modernista de Gropius de projetar “da colher à cidade”.

Outra instituição pioneira foi a Fundação Universidade Mineira de Arte - FUMA. Em 1953 é fundada a UMA — Universidade Mineira de Arte, sob o governo de Juscelino Kubitschek em Minas Gerais, MG. Em 1957 é oferecido o curso “livre” de Desenho Industrial de nível médio, que, no entanto, só terá seu primeiro aluno em 1960 (AGUIAR, 2009). A universidade UMA torna-se FUMA em 1963. Em 1964 o curso de Desenho Industrial passa para nível superior com um currículo bastante influenciado pela escola de arte de onde se originou. Em 1968 o MEC reconhece o curso, que então passa por uma reformulação (OZANAN, 2005).

Diante de perfis institucionais e propostas de formação bastante diferentes, alguns docentes resolvem como membros da única Associação profissional de design existente até então realizar um fórum para debater o ensino de design no Brasil. Pretendemos discorrer sobre a realização do evento e refletir sobre os debates e ideias que circularam por ele. O presente texto é parte de

uma pesquisa de mestrado em andamento que analisa os currículos mínimos de desenho industrial de 1969 e 1987 e as diretrizes curriculares de 2004.

A pesquisa é qualitativa e exploratória, e buscamos embasar-nos especialmente em fontes primárias documentais e depoimentos orais referenciados nos métodos da História Oral e nas abordagens da História Social.

## 2. Preâmbulo: a ABDI e o Ciclo de Palestras na FIESP em 1964

A primeira menção ao seminário de ensino encontrada data de 17 de março de 1964 e foi publicada no jornal *O Estado de São Paulo*: “após ciclo de conferencias [SIC] que a entidade promoveu no Fórum Roberto Simonsen, tornou-se necessário maior esclarecimento sobre o assunto” (1964:13). O texto deixa entender que a ideia do seminário se originou nesse ciclo de conferências que foi promovido pela ABDI nesse Fórum que pertencia à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP. A proximidade de datas corrobora essa ideia. Esse ciclo iniciou-se em 06 de março. A primeira reunião sobre o seminário foi em 11 de março, poucos dias depois, e a assembleia anunciada no jornal aconteceu em 17 de março, já com a temática geral do evento que “em seu encontro anterior, os associados da ABDI já estabeleceram o (...) programa” (O Estado de São Paulo, 1964:13).

O ciclo de conferências foi um dos primeiros eventos de destaque da ABDI para promoção do Desenho Industrial entre o empresariado brasileiro. Realizou-se no início de Março de 1964 na sede da FIESP em São Paulo, e contou com uma série de palestras de pessoas ligadas à ABDI que resultou em uma publicação com as suas transcrições: **A profissão do Desenhista Industrial**, por Décio Pignatari; **A formação do Desenhista Industrial**, por Carl Heinz Bergmiller; **Origem e desenvolvimento de Desenho Industrial**, por Alexandre Wollner; **O Desenho Industrial no Brasil**, por João Carlos Cauduro; **O Desenho Industrial na indústria brasileira**, por Antônio Maluf; **Aspectos sociais, históricos, culturais e econômicos do Desenho Industrial**, por Lucio Grinover.

Dos membros citados, Décio Pignatari já lecionava na ESDI, assim como Bergmiller e Wollner, que participaram da constituição curricular da escola. Lucio Grinover participou da reforma curricular de 1962 da FAU USP, e no ano seguinte João Carlos Cauduro passou a integrar a equipe docente da escola para as disciplinas de desenho industrial.

É provável que tenha sido precisamente a fala de Bergmiller que tenha originado algum debate ou polêmica que desembocariam na proposta de realização de um seminário de ensino no final do mesmo ano.

Resumidamente, o professor da ESDI realiza sua palestra baseando-se numa série de perguntas-base introdutórias sobre a possibilidade do ensino de Desenho Industrial, qual seria o tipo de formação mais indicada e o que já se teria feito até aquele momento. Sua explanação, sobre essa possibilidade e a importância para a indústria, exalta as “matérias tecnológicas e científicas” como sendo necessárias à formação de tal profissional, em contraposição a formações com enfoque estético-artístico.

Bergmiller declara que governo e principalmente a indústria deveriam interessar-se mais pela promoção do ensino do desenhista industrial: “Estamos convencidos da necessidade da cooperação da indústria e da urgência da colaboração de desenhistas industriais na fase de planejamento dos nossos objetos de uso” (Bergmiller, 1964:28). Para ele o problema da formação não seria apenas dos pedagogos e defende que todos que tenham “contacto direto ou indireto com o planejamento de produtos industriais devem participar na problemática do ensino de desenho industrial” (Bergmiller, 1964:27)

A verve funcionalista do profissional em sua dimensão moral deixa-se transparecer também numa série de trechos onde discorre sobre a ética da profissão.

Parte de seu texto é dedicada à exposição histórica das escolas de desenho industrial, dando destaque à Bauhaus e a HfG-Ulm na Alemanha, o *Institute of Design* em Chicago, e a *Royal College of Arts* em Londres, citando a existência de um total de 100 escolas no mundo todo. No âmbito brasileiro, comenta sobre o curso de 1951 do MASP, a sequência de disciplinas de Desenho Industrial da FAU, e termina enfocando o currículo da ESDI, explicando seus méritos e métodos de ensino. Em certo momento, afirma que “uma certa garantia para uma formação autêntica é dada por desenhistas industriais ativos, colaborando como professores dentro do corpo docente” (Bergmiller, 1964:34).

Comenta também sobre a ideia de um escritório padrão interno à ESDI, que funcionaria em parceria com a iniciativa privada, e, por fim, elenca os tipos de problemas e projetos abstratos que os alunos seriam submetidos para desenvolver suas capacidades, tais como “Análise, classificação e representação de projetos e fatos”, e “Representação de relações de comunicação através de gráficos” (Bergmiller, 1964:35).

### 3. I Seminário de Ensino de Desenho Industrial

A fala de Bergmiller vem revestida de alguns pontos polêmicos da formação do desenhista industrial, e que já naquele momento causavam discussões, como podemos ver no relato de Souza (1996) a respeito da criação da ESDI, na qual o modelo de ensino com influências germano-funcionalistas encontrou certa resistência por parte de figuras como Lamartine Oberg<sup>1</sup>. Por esse motivo, talvez tenha sido em torno desta palestra é que tenha surgido a ideia do seminário de ensino.

Inicialmente programado para a primeira quinzena de setembro de 1964, o evento previa a participação de profissionais e professores brasileiros, além de convites de personalidades de renome internacional, tais como Mischa Black (presidente do ICSID, e um dos incentivadores da fundação da ABDI), Gillo Dorfles, Bruche Archer, Tomás Maldonado e Nizzoli, a serem feitos por Flexa Ribeiro, então secretário de cultura do estado da Guanabara e importante articulador da fundação da ESDI.

---

<sup>1</sup> Lamartine Oberg era diretor de estabelecimento de ensino médio de Desenho Técnico e Publicitário quando participou das primeiras articulações para a criação da ESDI (cf. NIEMEYER, 1997)

Já em meados do mesmo ano iniciava-se a divulgação do seminário, também por meio de jornais, pelo então responsável pela comunicação da ABDI, Antonio Maluf. Nessa época falou-se sobre a mudança de data para janeiro de 1965, sob a justificativa de se investir mais tempo no levantamento e contato com entidades estrangeiras sobre seus respectivos ensinos (ABDI, 1964a). Por fim, já em agosto de 1964, a divulgação era realizada com as datas finais entre 9 e 13 de novembro daquele ano (ABDI, 1964a).

Desde o princípio, o seminário seria dividido em duas etapas. A primeira nas dependências da FAU USP, e a segunda na ESDI. A comissão organizadora foi composta pelos membros Décio Pignatari (ABDI e Coordenador), Cândido Malta Campos Filho (FAU e ABDI), João Carlos Cauduro (FAU), Dario Imparato (FAU), Aloysio Magalhães (ESDI), Euryalo Cannabrava (ESDI) e Dr. Italo Bologna<sup>2</sup>, da FIESP (ABDI, 1964a). O fato de Italo Bologna ser ligado à FIESP e participar da coordenação do evento, inclusive, é outro indicativo da possível decorrência do Seminário a partir do ciclo de palestras no Fórum Roberto Simonsen.

Também desde as primeiras divulgações, como na publicação de 17 de março, comentou-se sobre o interesse ao final do evento de um acordo sobre princípios para uma Escola-Padrão de desenho industrial.

#### *4. Primeira etapa: FAU USP, 09 a 12 de novembro de 1964*

A primeira etapa do seminário acabou por ser realizar de 09 a 12 de novembro, e não até o dia 13. Se compararmos o programa proposto no Comunicado da ABDI de 20 de agosto de 1964 (ABDI, 1964b) com o relato na revista *Produto & Linguagem* nº1, de 1965, entendemos quais podem ter sido os motivos dessa alteração.

Para a segunda-feira, estava prevista uma exposição sobre o ensino na Inglaterra e o Movimento Arts & Crafts, porém consta que aconteceu a palestra de Lívio Edmondo Levi<sup>3</sup> sobre o ensino de desenho industrial nos Estados Unidos, de onde regressara. À tarde, ocorreria palestra sobre a Alemanha e a Werkbund, mas sobre essa não há comentários na revista. E à noite, apresentou-se Gabriel Bollaffi<sup>4</sup>, sobre **Desenvolvimento industrial: o mercado e as perspectivas futuras**.

---

<sup>2</sup> Ítalo Bologna, engenheiro civil formado pela Escola Politécnica da USP em 1930, foi colaborador e diretor regional do SENAI-SP por um longo período, até 1961. Em 1962 tornou-se Assessor da presidência da FIESP até o ano de 1965, quando assumiu a direção do Departamento Nacional do SENAI (c.f. SENAI, s/d).

<sup>3</sup> Lívio Levi (1933-1973)“(…) foi um dos pioneiros no campo da iluminação e do design de jóias. Arquiteto, desenhista industrial, *lightiningarchitect* e criador de joias, trabalhou com Oscar Niemeyer, Roberto Burle Marx, Jorge Wilhelm entre outros arquitetos renomados. Bem-humorado, detalhista e curioso, não se limitou a apenas um campo de atuação, tornando-se autodidata em várias áreas do design” (c.f. Nadur, 2012:11)

<sup>4</sup> Gabriel Bolaffi (1934-2011). “Sociólogo e professor (...). Em 1956, ingressa no curso de ciências sociais da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP). Inicia a carreira

Bollafi, sociólogo, foi convidado a lecionar na FAU USP em 1962, participando assim do momento de reestruturação pedagógica da faculdade. Em sua apresentação no seminário, que conseguimos por meio de uma versão datilografada intitula-se **O Desenvolvimento Industrial e o Mercado no Brasil** (não sabemos se trata-se de um texto distribuído para a realização do seminário, ou se a transcrição de sua fala).

Seu texto inicia denunciando a estagnação de qualidade da indústria nacional, sua baixa produtividade, ociosidade e seus altos lucros na venda dos produtos. As razões para isso seriam que o tamanho e demanda do mercado brasileiro eram tão grandes naquele momento que mesmo produtos problemáticos eram aceitos, em cima de uma alta taxa de lucro. Mas, segundo ele, isso estaria já próximo de se encerrar, pois a saturação de bens de consumo acarretaria uma retração na produção nos próximos dois ou três anos. Sofreria nesse momento especialmente o pequeno industrial, que não teria a mesma capacidade de reduzir custos e promover melhorias técnicas tanto quanto outras empresas maiores. Esse cenário provocaria um aumento da competição, o que levaria o consumidor a tornar-se mais exigente. Sua crença nesses pontos é respaldada na sua avaliação sobre o desenvolvimento industrial brasileiro que, segundo o autor, difere de como ocorreu na Europa e nos EUA, onde o desenvolvimento da indústria seguiu paralelo ao desenvolvimento científico. Pelo contrário, nossa prática foi não criar condições de produção, mas importar bens de consumo tais como televisores, rádios, automóveis, geladeira, etc. A industrialização ocorreu apenas quando tal importação tornou-se insuficiente ou restritiva, quando entre 1930 e 1947 a renda brasileira teria crescido 50%, enquanto a taxa de importação estacionou-se.

Para as apresentações do dia 10 (terça-feira), seria prevista para a manhã a palestra sobre os EUA e Canadá, mas Livio Levi já havia falado no dia anterior. Assim, realizou-se a palestra de Marlene Picarelli, docente da FAU USP, sobre o ensino na Itália. À tarde seria seguida pelo comentário de outros países, mas quem palestrou foi Décio Fischetti<sup>5</sup>, da Walita, que “(...) discorreu sobre os problemas dos chamados «departamentos de estilo» industriais, tema que teve continuação na sessão noturna, com a exposição de Rigoberto Soler<sup>6</sup>, da Brasinca, e contou também com a colaboração de Roberto Mauro de Araújo<sup>7</sup>, Willys Overland do Brasil” (ABDI, 1965b:19). Inicialmente não estavam previstas falas de industriais, mas foi uma adição interessante pois indica uma aproximação à uma parcela da indústria desejada pelos docentes e

---

de docente, em 1960, na mesma universidade. Dois anos depois, é convidado a integrar o núcleo de Fundamentos Sociais e Econômicos da Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP)” (c.f. Enciclopédia Itaú Cultural, s.d.)

<sup>5</sup> O engenheiro Décio Fischetti trabalhou na empresa Rhodia e no escritório Forminform de Ruben Martins. Em 1963 foi contratado pela Walita onde implantou o setor de desenho industrial.

<sup>6</sup> Rigoberto Soler Gisbert, projetista espanhol, autor do automóvel GT Uirapuru, da Brasinca. Foi professor de Carroceria da FEU – Faculdade de Engenharia Industrial (c.f. FEI, 2010).

<sup>7</sup> O arquiteto Roberto Mauro de Araújo foi o líder da equipe de projetistas do Departamento de Estilo da Willys Overland que em 1963 desenhou o primeiro carro totalmente nacional em termos de projeto em uma grande montadora no Brasil: o Aero-Willys 2600.

para talvez avaliar o que se dizia na época sobre o ensino desenho industrial não estar condizente com as demandas da indústria nacional.

Na quarta-feira, era prevista uma fala sobre o ensino no Japão, sem identificação de qual interlocutor, mas ao invés disso palestrou Alexandre Wollner. Contrariando as expectativas sobre tratar das escolas germânicas de design, a fala de Wollner tratou de um movimento de alunos de engenharia de uma escola alemã, sobre estes estarem mais habilitados a atuar de fato na indústria do que arquitetos ou designers, considerados demasiados “formalista e esteticistas” (ABDI, 1965b:19).

Embora fossem esperados ainda mais dois dias de seminário (dias 12 e 13, quarta e quinta-feira), houve atividades apenas no dia 12, dedicados à exposição de docentes da FAU USP e da ESDI. Segundo relato da revista, a FAU USP,

ocupou o tempo dedicado à [sessão da manhã] abordando dois temas: histórico artesanal-industrial brasileiro e o ensino do DI tal como se apresenta hoje na Seqüência de DI da FAU, o primeiro a cargo de Luiz Roberto de Carvalho Frando, e o segundo na explanação de Cândido Malta Campos Filho; ambos os trabalhos foram realizados por uma equipe de professores da FAU, que incluía além dos nomes mencionados, também os arquitetos Dario Imperato, José Maria da Silva Neves, Abrahão Sanovicz, Lúcio Grinover, João Carlos Cauduro e Júlio Katinski. Lúcio Grinover, em breve intervenção, esclareceu seus pontos de vista particular, sobre alguns aspectos do ensino do DI na referida Seqüência. Décio Pignatari foi o relator encarregado da exposição sobre a Escola Superior do Desenho Industrial; na sessão noturna, Renato Jardim Moreira<sup>8</sup> pronunciou uma palestra sobre «O público consumidor e a forma» (ABDI, 1965b:19).

Conclui-se o relato saudando a presença de professores e designers do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais, (sem, contudo, identificá-los) e da Escola Politécnica da USP, e apontando a ausência de estudantes. Comenta-se ainda a publicação dos anais do evento. Não encontramos, entretanto, documentos que comprovassem que essa publicação tenha ocorrido.

De Minas Gerais, embora não tenhamos confirmação, podemos imaginar tratar-se de docentes da FUMA, já que seu curso superior funcionava nesse período, e a ABDI tinha contatos no estado mineiro, conforme podemos observar na notícia do jornal *O Estado de São Paulo*, datada de 05 de março de 1964, quando após o ciclo de palestras, três membros da ABDI compareceram a Belo Horizonte “(...) a fim de realizar, na Faculdade de Arquitetura local, um pequeno seminário sobre desenho industrial” (1964:11).

Não há registro da presença de nenhum dos convidados internacionais assinalados na ata da reunião de diretoria de 30/06/1964. No comunicado de 20/08/1964, dava-se como certa a presença de Bruce Archer e Mischa Black, que apresentariam suas conferências no dia 09/11. O que nos leva a crer que essas “ausências”, provavelmente provocaram a mudança de temas e a redução em 1 dia da duração do seminário.

Sabo, a partir de entrevista com Cauduro (Sabo, 2008 *apud* Sabo, 2011) comenta ainda da presença de Ruben Martins no Seminário. Segundo Sabo “O seminário encerrou-se formalmente

---

<sup>8</sup>A menos que trate-se de um homônimo que viveu no mesmo período, Renato Jardim Moreira era sociólogo pela FFLCH, da USP, onde era pesquisador junto com Florestan Fernandes.

no dia 13, num coquetel realizado nas dependências da Mobília Contemporânea” (Sabo, 2008:82)

##### 5. Segunda etapa: ESDI, 21 a 23 de junho de 1965

A segunda etapa do seminário aconteceu na ESDI entre os dias 21 a 23 de junho de 1965. Segundo publicação na revista *Produto & Linguagem* nº2, de 1965, “(...) foram levados ao exame e debate a definição e os conceitos básicos sobre o processo do ensino de Desenho Industrial, bem como um possível projeto de escola-padrão, de nível superior, para o ensino do Desenho Industrial no Brasil”. Esse pequeno texto é o mesmo utilizado na divulgação realizada no jornal *O Estado de São Paulo* de 10 de Junho de 1965.

O relato na revista *Produto & Linguagem* (ABDI, 1965c) comenta que houve cinco apresentações de trabalhos: Lúcio Grinover apresentou dois trabalhos, um intitulado “Proposição para um Escola-Padrão”, e outro “Relatório sobre as relações entre a FAU e a Indústria”. Décio Pignatari apresentou o trabalho “O Ensino Automático”. Orlando de Souza Costa apresentou “O Ensino do D.I no Brasil: notas para uma discussão”, e José Bonifacio Rodrigues apresentou a “Necessidade de Integração Curricular na ESDI”. Diferentemente do primeiro relato no número anterior da revista, quando comentou-se que na primeira etapa não houve participação de estudantes, para essa segunda ressalta-se o envolvimento discente tanto na plenária quanto na participação dos debates.

Sobre essa segunda etapa, não tivemos acesso ao seu programa prévio, nem às discussões sobre convidados ou sobre a organização do evento. Por outro lado, conseguimos por meio do designer Nelson Petzold textos de três participantes, que nos auxiliaram a entender o que se discutiu e quais pontos foram defendidos nessa 2ª etapa.

O texto **Proposição de uma Escola Padrão** do professor Grinover (1965), tem no título um dos temas principias dessa segunda etapa. Grinover inicia afirmando o papel que a ABDI assumiu de “orientação e formação” dos futuros profissionais de desenho industrial brasileiros, e que a proposição de uma escola-padrão era decorrente desse desejo.

Começa então a contextualizar onde se encaixaria tal Escola-Padrão, ao elencar quatro pontos sequenciais históricos: 1. “a cisão de uma situação unitária entre a criação e a execução”, ocasionada pela tecnologia produtiva; 2. “a consciência do design como problema de arte aplicada” e preocupação estética do produto industrial; 3. a reconceituação da ideia de arte aplicada, para pensar o produto em torno da ideia de funcionalidade; e 4. “o conceito de design revoluciona e amplia seu campo de ação; toma consistência como controle sobre o ambiente que nos circunda, e todos os níveis e todas as dimensões, configurando-se desde o objeto de uso até o planejamento urbano”. Para o autor, essa última fase configura o design como metodologia unitária essencialmente criativa, com “impostação científica” em nível operacional e linguístico, e afirma, assim, sua interdisciplinaridade. Infelizmente o documento obtido encontra-se incompleto, parando exatamente antes do início da descrição do programa da escola-padrão



proposta por Grinover. Entretanto, em entrevista recente, o professor Grinover esclareceu o que se propunha por escola padrão. Nas palavras do professor:

(...) Então o que queria dizer [por escola-padrão], pelo que me lembro: uma série de elementos comuns a toda e qualquer história. Um conjunto de conhecimentos, digamos assim, básico e fundamental. O resto ia ser determinado por cada escola. Cada escola poderia determinar sua maneira de agir, sua maneira de fazer, conforme a região, conforme a "coisa". Quer dizer, não poderia se pensar em estabelecer uma regra entre escola-e-indústria por exemplo aqui no sul, e lá no norte onde não tem industrial (pelo menos naquela época não tinha indústria). Então realmente precisava se estabelecer algo que fosse comum a todos. É isso, acho que, que chamávamos de escola-padrão. (Grinover apud AUTOR, 2016)

A escola-padrão, portanto, seria um modelo proposto pela entidade profissional da época — a ABDI, que possuía em seus quadros vários docentes e uma permeabilidade suficiente para ser proponente para que as escolas que dali em diante decidissem abrir cursos de desenho industrial, pudessem se pautarem por aquele conjunto de matérias apresentadas.

Já o texto de Décio Pignatari localiza o Desenho Industrial intimamente relacionado à revolução da automação, e justamente por isso tudo que é artesanal (literalmente ou por princípios quaisquer) deve ser descartado, e isso incluiria o próprio ensino. “Conclusão: o desenhista industrial, obrigatoriamente voltado para a produção em série – senão em massa – não pode continuar a ser produzido ‘artesanalmente’ nas escolas” (PIGNATARI, 1965). Propõe então o conceito de Ensino Automático, cuja ideia central é tratar o ensino como uma linha de montagem de informação. Descarta-se a figura do professor, para integrar em seu lugar a figura do programador. Tal figura é pouco ambígua, sem maiores explicações de qual seu real papel no ensino, ou qual seria a prática desse programador.

Junto da abolição da figura do professor, abole-se também a graduação por ano. No seu lugar, insere-se a graduação por “complexidade de programação”, ou seja, conforme devidamente capacitado num tipo de vivência e programa, o aluno progride na grade, concluindo o curso em maior ou menor tempo. Na conclusão do texto, deixa claro que “questões atinentes a estética e qualidade passam a plano secundário (...). São de primeiro plano as questões relativas a quantidade e significação” (PIGNATARI, 1965).

No livro *Informação, Linguagem e Comunicação*, o autor comenta que no congresso do ICSID em 1965, realizou uma fala opondo-se a uma arguição de Bruce Archer. Argumentou que “(...) para o designer brasileiro colocava-se um problema de necessidade, de linguagem e de consciência; que o problema da quantidade se sobrepõe ao da qualidade; que noções como as de *gute form* e *good design* são despidas de significado social (...)” (PIGNATARI, 1968:108), e que o aperfeiçoamento tecnológico e sua manipulação em massa é a chave para se beneficiar um maior número de pessoas.

Afirma em seguida sobre sua fala no seminário de ensino, que ela “recebeu entusiástico apoio dos alunos da ESDI. Programas ligados, de maneira geral, a um mínimo necessário de suporte material e empecilhos administrativos para a devida seleção e/ou formação de quadros docentes impediram (...) a implantação de sistemas experimentais desse tipo”(PIGNATARI, 1968:109). Para uma produção massificada de produtos a serem consumidos por pessoas, faz-se necessário uma formação igualmente massificada para seus alunos.

Por fim, o texto de Orlando Luiz de Souza Costa<sup>9</sup> intitulado **O Ensino do Desenho Industrial no Brasil: notas para uma discussão** (COSTA, 1965) apresenta uma breve crítica ao ensino brasileiro, contraposto ao contexto socioeconômico. Inicia questionando a apropriação de filosofias didáticas de outros países para nosso contexto, e como isso já seria debatido e percebido por aqui também. Afirma que não temos condições de proposição imediata de algo mais acertado, e que aceitar essa pedagogia é por hora necessária para que se crie certa vivência de Desenho Industrial. Mas deve-se possibilitar a evolução, que envolveria “alunos e professores num processo crítico e criativo” para que se construa essa nova realidade de ensino brasileira.

Para justificar sua fala, volta-se à indústria. Usa como exemplo de nossa imaturidade industrial a produção automobilística que, apesar de ser ter sido capaz de produzir 27% da frota latino-americana de carros, ainda o fazia num preço inacessível para a grande maioria dos brasileiros. “O publico em geral, carece de produtos de real necessidade” (SOUZA, 1965). É aqui que enaltece a necessidade de se conhecer a indústria brasileira, a fim de que o desenhista industrial seja ensinado a projetar não para um pequeno número de clientes, mas sim para a maior massa de pessoas possível.

Ao comentar sobre o currículo da ESDI, “(...) inicialmente diagramado dentro dos moldes americanos, foi transformado nos moldes de Ulm, e finalmente vem sofrendo pequenas mudanças”, mudanças essas que não teriam ido à raiz do problema, e que ainda insistiriam em impor mentalidades díspares da realidade industrial brasileira.

A quantidade reduzida de falas nesta 2ª etapa se comparada à 1ª, assim como os encaminhamentos finais do evento indicam um provável desejo de se ter um maior tempo para discussão dos assuntos. Porém não podemos deixar de observar que alguns docentes de destaque da ESDI neste momento não palestraram sobre o ensino ou sobre a ideia de escola padrão como Bergmiller e Flavio de Aquino que era o diretor da escola carioca e que escreveu na época vários artigos sobre o ensino na ESDI. No relatório de atividades de 1965 da ABDI, enumerou-se todas as resoluções a que se chegou ao final do seminário.

Dessas resoluções, resumidamente, temos: 1. o reconhecimento em fórum da legitimidade da ABDI como órgão de classe e de defesa dos “(...) interesses e aspirações dos desenhistas industriais”; 2. recomenda-se a cooperação mútua entre as instituições de ensino; 3. recomenda-se diversos pontos à ESDI, dentre elas a formação de um grupo para estudo da proposta do Ensino Automático e sua aplicação na ESDI, e outras para uma possível reação imediata aos problemas debatidos, como a sugestão de reformulação dos métodos de admissão de professores. Nos parágrafos finais, há uma menção explícita à escola-padrão, da seguinte maneira:

Recomenda que, sem jamais perder de vista os importantes resultados ora obtidos, embora este Seminário não tenha atingido plenamente seu ambicioso objetivo de esquematizar uma escola-padrão ou escola-piloto de orientação nacional, sejam levadas da devida

---

<sup>9</sup> Costa foi professor da ESDI de Geometria, e diplomou-se na Parsons School of Design em 1961 (Sinal, 2012)

consideração outras formas de organização do ensino superior de desenho industrial que não apenas a de escola autônoma e independente, quais possam ser, especialmente:

- a) Escolas superiores desenvolvidas a partir de escolas técnicas ou industriais;
- b) Institutos inseridos dentro de estrutura departamental universitária, podendo compartilhar até 2 (dois) anos de ensino fundamental ou básico como outros institutos.

Não ficou claro o motivo porque não se chegou a uma proposta de consenso sobre uma escola-padrão. E sobre o item **a**, sabe-se que nesse momento crescia o número de escolas de nível técnico ligadas a variadas profissões e que havia ao menos em São Paulo algumas dessas escolas com cursos de desenho publicitário, artes gráficas e decoração.

## 6. Currículo Mínimo

Em 1961, com a publicação da LDB 4024, ficava o CFE — Conselho Federal de Educação, habilitado a estabelecer currículos mínimos para qualquer curso de profissão regulamentada, aos quais as instituições de ensino deveriam se basear para formulação de seus próprios currículos. Uma alteração na LDB de 1968 permitia que não apenas profissões regulamentadas recebessem um Currículo Mínimo.

Por mais próximo dessa concepção que a ideia da Escola-Padrão possa parecer, não houve no seminário de ensino intenção de propor qualquer ação para a constituição oficial de um currículo mínimo de Desenho Industrial, conforme confirmado por Grinover (AUTOR, 2016)

Em 1969, o primeiro currículo mínimo de Desenho Industrial foi implementado como consequência de trâmites burocráticos entre a Secretaria da Educação do Governo do Estado da Guanabara e o CFE com o intuito de dar condições para o reconhecimento do currículo da ESDI solicitado em 1967. Sem um currículo mínimo para comparar a grade da ESDI e reconhecer o curso, a secretaria recorreu ao CFE para que se manifestasse qual era o currículo mínimo pelo qual a ESDI deveria ser avaliada. O que o Conselho fez foi se referenciar no currículo esdiano, identificando as suas matérias principais, para elaborar o primeiro currículo mínimo da área. A justificativa para esse procedimento seria a qualidade evidente do curso da ESDI e de seu corpo docente. Portanto, essa implementação ocorreu totalmente a parte das discussões realizadas entre docentes das instituições no Seminário de Ensino de Desenho Industrial de 1964/65.

## 7. Considerações Finais

Apesar da discussão sobre uma escola-padrão não ter sido aproveitada para o currículo mínimo de 1969, ela revela as preocupações existentes logo no início da institucionalização do ensino superior de design e indicam alguns pontos interessantes sobre o pensamento pedagógico sobre desenho industrial na época.

Essas preocupações incluíam a busca por ideias e parâmetros em comum sobre a formação do designer que se almejava para o país, em processo de industrialização tardia, diante de um cenário com poucas escolas e marcadas por linhas diversas sobre o perfil do profissional de

desenho industrial e sobre a grade curricular ideal. O interesse na indústria está também na sua inserção na primeira etapa do seminário. Com a ausência de interlocutores estrangeiros, além do remanejamento das falas e da redução do tempo do seminário, inseriram-se as falas de profissionais da indústria, como Roberto Mauro de Araújo, Willys Overland do Brasil” (ABDI, 1965b:19). Essa inserção é interessante porque dá a entender que, num seminário sobre ensino, via-se valor em obter algum parecer, comentário ou algo que alguém da indústria poderia trazer.

Dentre as características em comum do discurso das escolas, observa-se que o ensino visava principalmente a produção industrial. E como podemos ver nos textos sobre uma adequação da formação à realidade industrial de então, ou na crítica ao sistema industrial instalado e suas características mais comerciais, a indústria ainda era vista com um importante papel social a cumprir, que seria massificar produtos bem projetados. Por isso se almejava que o desenhista industrial chegasse em um nível de qualificação que pudesse cumprir essa demanda social. Neste ponto ESDI e FAU USP tinham o mesmo ponto de vista, como podemos ver no texto de Lúcio Grinover no qual a configuração industrial é a revolução do unitário ao massivo em torno “da ideia de funcionalidade”. Os docentes das disciplinas de desenho industrial da FAU USP seguiam uma linha funcionalista próxima do racionalismo de Ulm como demonstra Braga (2011). O que diferenciava as duas instituições era que a FAU USP pretendia formar um arquiteto apto ao projeto industrial a partir de um currículo que tinha como eixo a arquitetura e dentro de uma formação calada na ideia de projeto total. Para a FUMA, Ozanan reconhece maior influência da arquitetura e da Bauhaus (OZANAN, 2010:78).

Quanto ao resultado final do seminário, a grande quantidade de recomendações para a ESDI provavelmente ocorreu pelo fato da segunda etapa ter acontecido em suas dependências e com a participação do corpo docente da escola o que deve ter levado a um foco nas discussões sobre a instituição carioca. Levando em consideração a literatura sobre a escola, pode-se supor que boa parte dessas recomendações não foram, de fato, aplicadas. Entre essas o ensino automático (e que o próprio Pignatari (PIGNATARI, 1968) diz que não houve desenvolvimento da ideia, apesar de bem recebida por um grupo).

Deve-se considerar também que o cenário econômico e político do país em fins dos anos 1968, levou essas instituições com ensino de design a se repensarem. Em 1968, ESDI e FAU USP realizam discussões internas para reavaliarem os rumos de seus cursos. Em 1969, o CFE implementa o currículo mínimo sem qualquer ligação com a realização do Seminário de Ensino de 1964/1965, consagrando a ESDI como modelo curricular.

Apesar do evento não ter sido aparentemente referenciado para ações práticas interinstitucionais, ele propiciou um primeiro fórum no qual algumas das ideias centrais sobre a formação para a realidade produtiva local e o papel social a ser alcançado por meio da indústria foram debatidas e compartilhadas entre os acadêmicos de design da época. Essas ideias continuaram nos debates internos de cada instituição como demonstra Braga (2011). O seminário em si, no entanto, permaneceu ignorado pela historiografia.

Couto, em seu livro apresenta várias passagens históricas sobre o ensino de design no país, mas não menciona a existência desse Seminário. O mesmo ocorreu na dissertação de mestrado de Bomfim (1978) e nos trabalhos de Freitas (1999) e Niemeyer (1997). Apenas encontramos

alguma menção ao evento no texto de Souza, com o intuito de ilustrar o pensamento de Pignatari mais do que para relatar algo do próprio evento.

Essa lacuna historiográfica demonstra que os acontecimentos e eventos posteriores que marcaram os caminhos do campo acadêmico do design, retiraram desse Seminário o papel de marco histórico que chegou a desempenhar até fins dos anos 1960. Porém ele continua importante como objeto de estudo, pois, apesar de restrito, o levantamento que conseguimos realizar nos parece mostrar um evento interessante para ajudar a entender alguns pontos sobre o campo do design na época: **1.** como a ABDI se via imbricada e atuante em questões de ensino pouco depois de sua fundação, uma vez que alguns de seus principais articuladores eram docentes, e que portanto, associação profissional e academia pautavam pontos em comum; **2.** Isso explicaria a mudança de foco das palestras na 1ª etapa na FAU USP, nas quais é importante a participação de designers de indústria, entidade produtiva com um papel social atribuído por esses docentes; **3.** o nível dos debates que aconteciam entre os personagens de ambas escolas ESDI e FAU e que havia alguns pontos em comum entre elas; **4.** o destaque que tinham as ideias geradas no eixo Rio -São Paulo para o ensino do desenho industrial derivados da projeção institucional que essas escolas alcançaram nos anos 1960; e **5.** Apesar do campo acadêmico regular de design ter se iniciado em instituições de nível superior, o ensino técnico de desenho industrial chegou a ser admitido por expoentes deste próprio campo nos anos 1960. Situação que não era desejada em fins dos anos 1970, quando o modelo de ensino superior estava consolidado em mais de 16 instituições de ensino, conforme observa Braga (2011).

O Seminário como objeto de pesquisa deve ser também entendido como o início do longo caminho que percorreu o debate da pedagogia do design e sobre os diversos projetos de ensino propostos ao longo do tempo, procurando identificar e compreender seus postulados, conflitos e confluências.

## Referências

- ABDI. **Rascunho – Boletim Quinzenal**. 07 Jun. 1964a
- \_\_\_\_\_. **Seminário de Ensino de Desenho Industrial – Comunicado**. 20 Ago. 1964b
- \_\_\_\_\_. **Relatório de Atividades de 1965**. São Paulo: ABDI, [s.d.]
- \_\_\_\_\_. **PRODUTO E LINGUAGEM**. São Paulo: ABDI. v. 1, n. 1, primeiro trimestre. 1965b.
- \_\_\_\_\_. **PRODUTO E LINGUAGEM**. São Paulo: ABDI. v. 1, n. 2, segundo trimestre. 1965c.
- AGUIAR, Dorinha. **O Design em Minas – 50 anos**. Belo Horizonte: [s.n.], 2006
- BERGMILLER, Carl Heinz. **Origem e desenvolvimento de Desenho Industrial**. In: *Desenho Industrial: aspectos sociais, históricos, culturais e econômicos*. São Paulo: Fórum Roberto Simonsen/FIESP/ABDI, 1964.
- BOLAFFI, Gabriel. **O desenvolvimento industrial e o mercado no Brasil** (texto avulso e incompleto). In: *I SEMINÁRIO DE ENSINO DE DESENHO INDUSTRIAL – 1ª ETAPA*, 1964. São Paulo: s.n., 1964

BONFIM, Gustavo Amarante. **Desenho industrial**: proposta para reformulação do currículo mínimo. 1986, 130 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, programa de Pós-Graduação de Engenharia.

BRAGA, Marcos da Costa. **ABDI e APDINS-RJ**. São Paulo: Blucher, 2011.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 4024/61. Brasília: 1961.

CARVALHO, Ana Paula Coelho de. **O ensino paulistano de design** — a formação das primeiras escolas: origens, contextos e relações. São Paulo: Blucher, 2015.

Centro Universitário da FEI. **Mecânica Automobilístoc: 40 anos**. 2010

COSTA, Orlando Luiz de Souza. **O ensino do desenho industrial no Brasil**: notas para uma discussão (texto avulso e incompleto). In: I SEMINÁRIO DE ENSINO DE DESENHO INDUSTRIAL – 2ª ETAPA, 1965. Rio de Janeiro: s.n., 1965

AUTOR. **Entrevista realizada com Lúcio Grinover**, em 30 Maio 2016, na cidade de São Paulo, com 1 hora e 20 min de duração.

FREITAS, Sydney Fernandes de. **A influência de Tradições Acríticas no Processo de Estruturação do Ensino/Pesquisa de Design**. 1999, 374 f. Dissertação (mestrado) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, programa de Pós-Graduação de Engenharia.

GRINOVER, Lúcio. **Proposição para uma escola padrão** (texto avulso e incompleto). In: I SEMINÁRIO DE ENSINO DE DESENHO INDUSTRIAL – 2ª ETAPA, 1965. Rio de Janeiro: s.n., 1965

NADUR, Angela Vido. **Lívio Levi, vida, obra e o início do design de joias no Brasil**. In: BRAGA, Marcos da Costa; MOREIRA, Ricardo Santos. **Histórias do Design no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2012

NIEMEYER, Lucy. **Design no Brasil**: origens e instalação. 2. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 1997.

OZANAN, Luiz Henrique. **O curso de design em Minas Gerais**: da FUMA à Escola de Design. 2005, 117 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR, programa de Mestrado em Educação

PIGNATARI, Décio. **O ensino automático** (texto avulso). In: I SEMINÁRIO DE ENSINO DE DESENHO INDUSTRIAL – 2ª ETAPA, 1965. Rio de Janeiro: s.n., 1965

\_\_\_\_\_. **Informação, Linguagem e Comunicação**. São Paulo, Perspectiva, 1968

SIQUEIRA, Renata Monteiro; BRAGA, Marcos da Costa. **FAU/USP 1962**: a implementação do Grupo de Disciplinas de Desenho Industrial no curso de Arquitetura e Urbanismo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM DESIGN – CIPED, 2009, Bauru, **Anais...** Bauru: Unesp, 2009

[s.n.]A ABDI realizará seminário em Minas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p.11, 05 Mar. 1964

[s.n.]A ABDI realizará seminário sobre desenho industrial. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p.13, 17 Mar. 1964

[s.n.] Gabriel Bolaffi. In: Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/en/pessoa14574/gabriel-bolaffi>, acessado em 08/10/2016

[s.n.] Ítalo Bologna - Patrono. In: Website do Senai. Disponível em: <https://itu.sp.senai.br/institucional/2873/0/patrono>, acessado em 08/10/2016

[s.n.] Homenagem a um pioneiro — Orlando Luiza de Souza Costa. **Sinal**, nº 448. Rio de Janeiro, 13 Jul. 2012

SABO, André Lacroce. **Ruben Martins: Trajetória e Análise da Marca Rede de Hotéis Tropical**. 2011, 301 f. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Área de concentração de Design e Arquitetura.

SOUZA, Pedro Luiz Pereira de. **ESDI Biografia de uma idéia**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

## Sobre os autores

### **Eduardo Camillo K. Ferreira**

Mestrando da FAU USP.

Bacharel em design pela FAU USP (2012). Ingressou em 2016 no programa de pós-graduação de arquitetura na linha de pesquisa de Design e Arquitetura no nível de Mestrado.

eduardo.camillo.ferreira@usp.br

### **Marcos da Costa Braga**

Professor/ Pesquisador da FAU USP.

Graduado em Design (1985) pela UFRJ. É doutor em História Social pela UFF (2005). É membro do corpo editorial do periódico científico Estudos em Design, membro do Conselho Editorial da Revista Arcos da ESDI e membro do Conselho Científico das revistas Linguagens Gráficas e Educação Gráfica. Foi coordenador do curso de Design da Unicarioca e da Faculdade de Desenho Industrial Silva e Sousa. É autor de vários artigos e livros sobre história do design no Brasil. É membro do grupo de pesquisa História, Teoria e Linguagens do Design da FAU USP.

bragamcb@usp.br